

APRESENTAÇÃO

Iniciamos, na *Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção*, o ano acadêmico de 2003. Tanto o retorno dos alunos nos semestres superiores como as salas cheias de estudantes iniciantes – sejam eles seminaristas, candidatos ao diaconato ou leigos e leigas –, significam motivação e esperança renovadas. A alegria, porém, não é menor para quem já está vinte, trinta ou mais anos envolvido no estudo da teologia, pois, a experiência nos ensinou que a “verdade” quer ser procurada sempre de novo, a cada instante e com as pessoas de todas as gerações.

Vemos o homem mudando e, com ele, o mundo, sendo que a velocidade das mudanças nos deixa, diversas vezes, desatualizados. No entanto, trata-se de um “jogo” querido pelo Criador. Cada geração tem, de fato, o direito e a tarefa de repensar, sempre de novo, como “encher e dominar a terra” (Gn 1,28).

Não obstante, uma outra experiência torna-se fascinante. Em meio de tantos progressos e regressos, crescimentos e decrescimentos, construções novas e ruínas antigas, as perspectivas teológico-éticas da fé cristã não parecem ter ficado desatualizadas. Pelo contrário, continuam sendo uma alternativa decisiva, capaz de corresponder, ainda hoje, às ansiedades mais profundas do ser humano.

Servir a esse patrimônio histórico da fé cristã, colocando-o à disposição da sociedade atual, é uma das tarefas mais dignas de uma faculdade de teologia. É justamente nesse meio que a *Revista de Cultura Teológica* encontra seu lugar.

A nova edição, o número 42, traz, na seção dos estudos teológicos, três pesquisas. Prof. Dr. Renold J. Blank preocupa-se em “recuperar o imaginário da ressurreição”. Dra. Maricel Mena Lopez, professora de estudos bíblicos na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo, focaliza “a rainha de Sabá”, vendo nela “uma proposta de reconstrução histórica da sabedoria feminina afro-asiática do século X a.C.”. A historiadora Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, que leciona na Universidade Federal de Rio de Janeiro,

aborda a “memória e prática sacramental em La Rioja Medieval”. Dois estudos da área do Direito Canônico completam essa Revista. Sendo professores e pesquisadores no Instituto de Direito Canônico “Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro”, no Centro Universitário Assunção, Pe. Dr. João Carlos Orsi explica “o conceito de quase – paróquia”, e Pe. Dr. Rubens Miraglia Zani “o procedimento para o reconhecimento de milagres”.

Prof. Dr. Matthias Grenzer

Redator

RECUPERAR O IMAGINÁRIO DA RESSURREIÇÃO

Prof. Dr. Renold J. Blank

1. O IMAGINÁRIO CRISTÃO É MARCADO PELA CRUZ

Exigir que se re-descubra a importância da ressurreição, parece ironia para todo bom cristão, e os piedosos de todas as frações se apressam em confirmar que a festa da páscoa, para eles, sempre era a maior festa do cristianismo.

Os teólogos, por sua vez, apresentam provas históricas e citações bíblicas e dogmáticas para confirmar que a doutrina cristã, desde seus mais remotos começos, sempre teve consciência do fato de a ressurreição ser o centro e o núcleo primordial de toda a fé cristã. No campo dogmático, não há a menor dúvida, frente a esta questão, e isso com toda razão.

Mas, apesar de todas essas provas e não obstante a confirmação de todos os fiéis, permanece o fato indiscutível, que o signo desta religião cristã, até hoje e pelo menos desde os tempos do imperador Constantino, não é a representação do ressuscitado, mas o signo da cruz.

No centro da representação iconográfica, através da qual os cristãos expressam o seu símbolo de auto-identificação, não encontramos um símbolo da ressurreição, mas um símbolo de morte, a cruz.

A expansão da religião cristã, desde o século quatro, se fez sob esse signo.

O cristianismo se identifica pela cruz, e a sua figura central, Jesus, o Cristo, está sendo conhecido pelo apelido de “o crucificado”.

As grandes conquistas da história, começando com Constantino, e passando pelas cruzadas e pela conquista das Américas, se fizeram sob o signo da cruz.